

**Conflitos de espaço entre migrantes e locais:
comparação entre *A Bagaceira* e *As Vinhas da Ira***

***Conflicts of space between migrants and locals:
comparison between *A Bagaceira* and *The Grapes of Wrath****

Luccas César BACH¹

Resumo

O presente estudo tem por objetivo tecer uma análise, a partir de uma perspectiva comparativa, dos conflitos entre os moradores locais e os trabalhadores migrantes nos espaços que compõe os romances *A Bagaceira* (1928), do escritor brasileiro José Américo de Almeida, e *As Vinhas da Ira* (1939), do norte-americano John Steinbeck. Inicialmente, fundamentaremos a pesquisa com o estudo sobre o espaço em ambas as obras, sobre como ele forma e condiciona as personagens, e sobre o processo de desenraizamento ao qual elas são submetidas. Por fim, analisaremos os momentos de conflito entre as personagens migrantes e os locais dentro do enredo, apontando semelhanças e diferenças entre as obras.

Palavras-chave: *A Bagaceira*. *As Vinhas da Ira*. Migração. Espaço.

Abstract

The present study aims to analyse, from a comparative perspective, the conflicts between local residents and migrant workers in the spaces that compose the novels *A Bagaceira* (1928), by the Brazilian writer José Américo de Almeida, and *The Grapes of Wrath* (1939), by the North-American John Steinbeck. We will initially support the research with the study about space in both novels, about how it forms and conditions the characters, and about the uprooting process to which they are submitted. Finally, we will analyse the moments of conflict between the migrant characters and the locals within the plot, pointing out similarities and differences between the books.

Keywords: *A Bagaceira*. *The Grapes of Wrath*. Migration. Space.

Introdução

O presente artigo tem por objetos de estudos as obras *A Bagaceira*, romance regionalista brasileiro publicado em 1928 pelo paraibano José Américo de Almeida, e

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE), Campus de Cascavel. E-mail: luccascesarbach@gmail.com

As Vinhas da Ira, publicada em 1939 pelo escritor estado-unidense John Steinbeck. Ambas inspiradas nas consequências de períodos de seca históricos: no Brasil, as secas de 1877 e 1919 que assolaram o Nordeste; e, nos Estados Unidos, o *dust bowl* que afetou principalmente os estados do Texas e de Oklahoma na década de 30, causado por falta de tratamento adequado do solo. Em decorrência da falta de produtividade das plantações e da escassez de projetos estatais que suprissem as necessidades dos agricultores, estes sujeitaram-se a migrar para regiões em que pudessem trabalhar e sustentar suas famílias. Os migrantes, chegando à nova comunidade, são os “intrusos”: seus costumes são diferentes e sua imagem é deturbada por pré-conceitos fomentados pelo medo e pela miséria local.

Desde sua publicação, *A Bagaceira* tem sido considerada uma das obras precursoras do romance regionalista no Brasil. Alguns a consideram parte do romance da seca, ainda que o enredo não tenha a seca como temática, e por isso foi injustamente criticada. É inegável, no entanto, que teve grande repercussão e causou amplo impacto por conta de sua originalidade e, inclusive, pelo período e espaço em que foi publicado. Ainda que a seca do Nordeste não faça parte do cenário principal do romance, ela é o contexto histórico e social de parte das personagens principais (os retirantes, Valentim, Pirunga e Soledade). Estas passam por um desenraizamento sazonal que as levam a um ambiente estrangeiro e hostil no engenho Marzagão, sendo subjugadas ao tratamento rigoroso do senhor de engenho, Dagoberto, além de lidarem com a desconfiança dos brejeiros, os locais que lá trabalhavam.

O romance *As Vinhas da Ira* foi considerado um marco na Literatura Norte-Americana desde sua publicação em 1939. Escrito em um momento de ascensão econômica americana, a obra denuncia – assim como *A Bagaceira* – o isolamento de uma classe trabalhadora por parte do Estado e da sociedade: o fazendeiro, expulso de suas terras, obrigado a migrar para uma nova região dentro de seu próprio país.

Em *Vinhas da Ira* o leitor se depara novamente com um desenraizamento, mas dessa vez de cunho econômico: com a baixa produtividade dos campos no leste do país, os bancos se aproveitam do endividamento das famílias rurais para lhes tomar as terras e substituí-las por máquinas agrícolas, forçando esses pequenos agricultores a se mudar para o oeste.

Com dois cânones literários americanos, a proposta dessa pesquisa é de apontar e analisar como esse movimento dentro do espaço nacional gera um conflito entre o trabalhador migrante e o nativo, mesmo que os interesses de ambos sejam semelhantes.

Importância e ruptura do espaço

Temos por objeto de estudos dois romances regionais que atuaram – e ainda atuam, pela contemporaneidade de seus temas – como discursos políticos contra a situação vigente de negligência, descaso e exploração contra os trabalhadores de campo, reduzidos a condição primitiva de animais pela implantação do capitalismo e de um sistema focado unicamente no lucro monetário. Ambas as obras colocam um espaço ‘idealizado’ pelas personagens – o sertão, a ‘terra de Canaã’, na obra almeidiana e a Califórnia na obra de Steinbeck – que representa uma esperança de prosperidade, e ambos esses espaços são terras ‘de ninguém’: o sertão, negligenciado pelo próprio governo, largado à seca, e a região urbana pós-revolução industrial nos EUA onde rege a lei do ‘mais forte’. Essa esperança extingue-se com o progredir da narrativa, as personagens sendo levadas a conflitos de cultura com a nova região onde habitam, culminando no bebê natimorto de *Rose of Sharon*, e na decadência de *Soledade*, que perde a inocência nas mãos do senhor de engenho.

A partir dessa perspectiva podemos fazer uso da socio-crítica literária, sendo que ela permite ao leitor pensar criticamente sobre os contextos social e cultural que compreendem a narrativa, ainda que “o *externo* (no caso, o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*.” (CANDIDO, pg. 6, 2000). Analisaremos, portanto, esses contextos como elemento externo das obras, auxiliando na análise dos elementos estruturantes nelas presente.

Um conceito importante para o tema desta pesquisa é o do “desenraizamento”. Simone Weil (2001, p. 43) afirma que:

Um ser humano tem raiz por sua participação real, ativa e natural na existência de uma coletividade que conserva vivos certos tesouros do passado e certos pressentimentos de futuro. Participação natural, ou seja, ocasionada automaticamente pelo lugar, nascimento, profissão, meio.

As raízes são conquistadas socialmente. O indivíduo, ao viver inserido em uma comunidade, constrói memórias que ditam seus sonhos e desejos futuros. Veremos mais adiante que os momentos de convívio – seja na casa, com os vizinhos, em festas, ou mesmo as tragédias – fomentam os anseios e aspirações das personagens. Na separação do indivíduo com seu lar, este não conquista a mesma estabilidade de antes, estando superficialmente conectado com o novo meio; suas memórias, assim como seus valores e cultura, não condizem com o novo espaço habitado.

A autora ainda diz que: “Cada ser humano precisa ter múltiplas raízes. Precisa receber a quase totalidade de sua vida moral, intelectual, espiritual, por intermédio dos meios dos quais faz parte naturalmente.” (WEIL, 2001, pg. 43). Por isso afirma-se, nessa pesquisa, que o espaço faz parte da construção da personagem. O espaço faz parte integral da memória das famílias em ambos os romances, de tal forma que o indivíduo e sua terra se confundem, assim os migrantes carregam os estigmas da sua raça.

Para melhor analisar a importância do espaço nas obras, faz-se necessário a menção da obra *La poétique de l'espace* (*A poética do espaço*, em português), de Gaston Bachelard, em que o filósofo faz um estudo do espaço pelo modo poético: “Pois a casa é nosso canto do mundo. Ela é – como se diz frequentemente – nosso primeiro universo. Ela é um verdadeiro cosmos. Um cosmos em toda a acepção do termo. Vista intimamente, a mais humilde habitação não é bela?”² (BACHELARD, 1961, p. 24). Para Bachelard, a descrição física da casa não tem a mesma importância da significação que colocamos sobre ela; tal significação que leva em consideração a humildade da moradia. A beleza, o sentimento que associamos à casa ultrapassa o físico, pois é onde nos encontramos, é o local ao qual pertencemos.

Percebemos essa ligação com a primeira residência de forma direta em *As Vinhas da Ira* quando a família de Tom Joad está separando o que levar de seu lar, em Oklahoma, para a Califórnia: tudo deve ser útil e prático, levam talheres, um balde para lavar roupas, uma panela grande para cozimento, os colchões, tudo com um propósito; então o que fazer com as cartas? Com as bugigangas e suas memórias sem valor monetário? A matriarca da família, ao deixar a casa para trás, segura uma caixa de papelão com cartas antigas e alguns itens de valor; “Ela tocou as letras com os dedos, tocou-as levemente, e alisou um recorte de jornal no qual havia um relato do julgamento

² “Car la maison est notre coin du monde. Elle est – on l’a souvent dit – notre premier univers. Elle est vraiment un cosmos. Un cosmos dans toute l’acception du terme. Vue intimement, la plus humble demeure n’est-elle pas belle?” (Tradução Livre – T.L.)

de Tom.”³ (STEINBECK, 2011, p. 126). Após alguns minutos de reflexão, pega os itens de valor e coloca a caixa para queimar no que sobrou de carvão dentro do fogão na cozinha. Até então a família ainda tinha grandes esperanças para o que encontraria na Califórnia – grande oferta de emprego, estabilidade financeira e um clima agradável –, mas o partir ainda é doloroso. São três gerações, com a quarta a caminho, sendo separadas do espaço em que tinham suas raízes e se mudando para o desconhecido.

O processo de desenraizamento desestabiliza a estrutura familiar, afinal, a primeira moradia do indivíduo está conectada diretamente com seus sonhos e suas aspirações. Para o filósofo francês, “A casa é um corpo de imagens que dão ao homem razões ou ilusões de estabilidade.”⁴ (BACHELARD, 1961, p. 34). Além de nosso ‘canto no mundo’, a região em que nascemos e somos criados serve de modelo social, moral, cultural, e até mesmo econômico, e os valores de âmbito externo postos sobre esse local não dizem respeito à identidade do indivíduo que ali cresceu. Afinal, para as personagens de *As Vinhas da Ira*, o motivo pelo qual estão saindo Oklahoma não é a seca e a falta de colheita; e sim a decisão dos bancos de cobrar as dívidas das famílias que ali viviam e lhes tomarem a terra, substituindo-as por maquinário agrícola. Tão significativo esses laços entre indivíduo e a terra, que os mais velhos, que ali passaram toda sua vida, são os primeiros a serem atingidos pela súbita ruptura; as crianças, no entanto, se adaptam à condição migrante com aparente facilidade. O avô da família se rebela, decidindo não se juntar à família em sua excursão para a Califórnia:

Vocês podem ir em frente. Eu—Eu vou ficar. Eu pensei nisso quase a noite toda. Essa aqui é a minha terra. Eu pertenco a ela. E eu não quero nem saber se tem laranjas e uvas jogando um cara pra fora da cama. Eu não vou. Essa terra não é boa, mas é a minha terra. Não, vocês vão em frente. Eu vou ficar aqui, onde pertenco.⁵ (STEINBECK, 2011, p. 129)

É levado à força para o carro e, ainda no início da viagem, sobre um derrame e é enterrado ilegalmente à beira da estrada, seguido, após alguns dias, pela esposa. E

³ “She touched the letters with her fingers, touched them lightly, and she smoothed a newspaper clipping on which there was an account of Tom’s trial.” (T.L.)

⁴ “La maison est un corps d’images qui donnent à l’homme des raisons ou de illusions de stabilité.” (T.L.)

⁵ “You go right on along. Me—I’m stayin’. I give her a goin’-over all night mos’ly. This here’s my country. I b’long here. An’ I don’t give a goddamn if they’s oranges an’ grapes crowdin’ a fella outa bed even. I ain’t a-goin’. This country ain’t no good, but it’s my country. No, you all go ahead. I’ll jus’ stay right here where I b’long.” (T.L.)

assim, como o progredir do enredo, o núcleo familiar dos Joads claramente perde sua rigidez, com a morte dos avós, com os filhos do casal seguindo sua própria jornada, e com o genro abandonando a esposa grávida. Um contraste aos exemplos de famílias extensas morando sob o mesmo teto em Oklahoma.

Enquanto, no romance de Steinbeck, temos a partida da família com sua terra; em *A Bagaceira* o leitor se depara com o sertanejo já afastado do sertão. A família de retirantes, composta por Valentim, sua filha Soledade, e seu filho adotivo, Pirunga, chega ao engenho de Dagoberto necessitando de emprego e abrigo; o senhor de engenho, tomando interesse pela menina, lhe oferece um barraco e trabalho. Soledade, inicialmente tímida e com os sinais da seca lhe escondendo a beleza, se envolve na rede de conflitos amorosos do engenho, sendo perseguida por Pirunga, por Dagoberto e por seu filho, Lúcio. É Valentim quem ainda almeja o retorno ao sertão, que eleva os valores da gente da sua terra e lamenta ter deixado a vida que lá construiu.

Em uma conversa com o feitor do engenho e Lúcio, Valentim conta como, nas primeiras secas que viveu, conseguiu resistir às dificuldades causadas pela seca enquanto outros, inclusive a mãe de Pirunga, não viram alternativa além a de tentar a sorte em lugares mais promissores:

— Fiquei na estica⁶. Mas, com a vontade de Deus, não pedi nem roubei. Todo o meu pessoal na cacunda e até dei conta de gente que era mesmo que ser minha.
E pousou, paternalmente, a mão firme no ombro de Pirunga.
(ALMEIDA, 1981, p. 18)

Durante essa conversa, Valentim enaltece a coragem do povo do sertão, para a surpresa e o deleite do romantismo de Lúcio, que vê nesses retirantes qualidades que faltam aos brejeiros, aos residentes de sua própria região. Para Valentim, ainda que a seca fosse terrível a ponto de acabar com a produtividade e a vida de sua terra, mesmo com o sol derretendo o que tocava, que o vento fosse um “sopro do inferno”, que o que lhe cercava era uma paisagem “cinérea” e “ressequida”; para ele, partir não lhe parecia uma opção viável: “— Eu nunca que deixasse a minha terra. A gente teimava em ficar e o sol também teimava, como quem diz: “Aqui estou grimpendo de cima”. Emperrado de dia e de noite, porque nunca se viu lua mais parecida com o sol.” (*ibidem*, p. 19). Uma

⁶ *Ficar na estica*: expressão que significa *ficar na miséria* (ALMEIDA, 1981, p. 121).

fala que nos remete à fala do avô na família Joad, de que *essa terra não é boa, mas é a minha terra*.

O espaço, ainda que cause sofrimento, se confunde com a identidade do sertanejo, e partir seria mais doloroso do que morrer na miséria causada pelas condições climáticas. Valentim decide fugir do sol escaldante apenas por sua responsabilidade para com sua família: “— Deus foi servido acabar tudo, senão ninguém me aluía de lá. Queria ficar abraçado com o mourão da porteira, até esticar a canela. Mas minha vida não me pertencia... Quem tomava conta de minha filha? Quem carregava minha cruz?” (ALMEIDA, 1981, p. 20). No romance, Valentim assume a responsabilidade pela proteção da família assim como a mãe de Tom Joad o faz em *As Vinhas da Ira*. São personagens que tomam para si o papel de preservar a unidade e os valores que o núcleo familiar possuía em sua terra natal. Ao contar histórias de seu passado para os moradores do engenho, ele nota as nuvens carregadas e os sinais de que a temporada de chuvas se aproximava: “Para Valentim o relâmpago riscado na treva compacta era o nuncio do inverno sertanejo, a promessa de retorno à sua terra.” (*ibidem*, p. 30). A volta ao sertão, então, fica condicionada às condições climáticas – fora do controle do sertanejo.

Dois polos de embate

Além de suas terras, as personagens de *A Bagaceira* e *As Vinhas da Ira* também deixam seu povo e sua cultura local para trás. Ao chegar em sua nova morada, além de terem de se adaptar a novos hábitos e costumes, essas personagens se veem cercadas por animosidade por parte dos locais. Duas famílias que, em seu próprio contexto social, haviam sido respeitadas e queridos por seus conterrâneos, agora assumem um papel de imigrante de baixa perspectiva social e, por isso, se dispõem a tomar o espaço dos habitantes antigos. Sob uma perspectiva de imigrantes entre nações, Edward Said, em *Reflexões sobre o exílio*, diz:

E logo adiante da fronteira entre “nós” e os “outros” está o perigoso território do não-pertencer, para o qual, em tempos primitivos, as pessoas eram banidas e onde, na era moderna, imensos agregados de humanidade permanecem como refugiados e pessoas deslocadas. (SAID, 2003, p. 50)

Movimentos migratórios sempre existiram e foram parte essencial do processo evolucionário da humanidade, mas foi com a modernidade que as nações abriram a discussão para receber e integrar refugiados de forma coerente e, principalmente, digna. No início do século XX, no entanto, esse diálogo ainda era primitivo de modo que muitos conflitos locais eram fomentados ou ignorados pelo interesse dos donos do poder. Essa rivalidade, além de levar à exclusão de grandes grupos de pessoas do auxílio governamental e social, separava pessoas que mais tinham causas em comum do que opostas.

Em *A Bagaceira*, os retirantes do sertão nordestino são os “intrusos”, chegando ao brejo em busca de trabalho e moradia, fugindo da seca e da miséria que ela provoca. Os brejeiros, o povo local, vivem em condições miseráveis, são vítimas da fome e de más condições de trabalho. Sobre eles, o escritor paraibano escreve:

Párias da bagaceira, vítimas de uma emperrada organização do trabalho e de uma dependência que os desumanizava, eram os mais insensíveis ao martírio das retiradas. A colisão dos meios pronunciava-se no contato das migrações periódicas. Os sertanejos eram malvistas nos brejos. E o nome de brejeiro cruelmente pejorativo. (ALMEIDA, 1981, p. 4)

O migrante é mal visto pelo trabalhador local, assim como este é rechaçado por aquele; a desconfiança é mútua, ainda que as condições de moradia e de trabalho não sejam diferentes – um conflito bem resumido logo no início do romance “Estrugia a trova repulsiva: Eu não vou na sua casa,/Você não venha na minha,/Porque tem a boca grande,/Vem comer minha farinha...” (*ibid*, 1981, p. 4). Esse conflito não se compõe unicamente pelo indivíduo, mas pelo espaço onde ele criou raízes, pois é uma “colisão dos meios”. E até que ponto o indivíduo pode ser separado do ambiente em que foi criado? Para Bachelard, nossa primeira residência serve de fundação para nossos devaneios, onde aprendemos a sonhar. De acordo com o filósofo: “Assim, além de todos os valores positivos de proteção, na casa natal se estabelecem valores de sonho, últimos valores que permanecem quando a casa já não existe mais.”⁷ (BACHELARD, 1961, p. 34). Ao chegarem no engenho de Dagoberto, os retirantes não deixaram seus valores no sertão – valores, inclusive, aclamados pelo filho do senhor de engenho, que via na imagem de Valentim um herói, um exemplo de coragem e bravura; nas palavras

⁷ “Ainsi, par-delà toutes les valeurs positives de protection, dans la maison natale s’établissent des valeurs de songe, dernières valeurs qui demeurent quand la maison n’est plus.” (T.L.)

de Lúcio: “Reservas da dignidade antiga! Resistência granítica, como os afloramentos do Nordeste! Solidificação da família! Tesouro das virtudes primitivas!...” (ALMEIDA, 1981, p. 31). Os brejeiros, do contrário, são expostos como primitivos, pela preguiça aparente no trabalho, pelas vestimentas sujas e desgastadas, e pela aparente falta de higiene. Em um dado momento, Lúcio leva Soledade para ver os brejeiros:

Santo Deus! os guris lázaros, embastidos de perebas, coçando as sarnas eternas. Sambudos, com as pernas de taquari, como uma laranja enfiada em dois palitos. As cabecinhas grisalhas do lendeaço fediam a ovo podre. Mas não choravam, não sabiam chorar. Soledade saía, aos engulhos, desse hálito de pocilga. (ALMEIDA, 1981, p. 63)

Soledade foge, regurgitando, tal a ânsia causada pela miséria em que vivem os brejeiros. A falta de saneamento básico, falta de trastes suficientes que lhes cubram os corpos desnutridos; eles vivem em condições sub-humanas. Em uma situação análoga é a dos retirantes fugindo da seca e das pragas da sua terra, eram “esqueletos redivivos, com o aspecto terroso e o fedor das covas podres.” (*ibid*, p. 4).

Josué de Castro em *Geografia da Fome* (1984) aponta que a alimentação precária no Nordeste teve grande parte na miséria orgânica a qual o homem da bagaceira foi submetido. Uma dieta não suficiente em calorias nem vitaminas faz desse indivíduo um trabalhador sem disposição, diferente do homem do sertão que, em tempos de chuva, tem a seu dispor uma alimentação balanceada que lhe permite um esforço braçal maior. O escritor afirma que “O sertanejo sempre se sentiu superior ao brejeiro, tachando-o de preguiçoso, pela pequena capacidade de trabalho que ele demonstra.” (p. 145). E, como vemos em *A Bagaceira*, essas diferenças sociais compõem a relação entre as personagens. O sertanejo é descrito como um ser altamente moral e, assim, em um patamar hierárquico mais elevado do que o brejeiro – ainda que, na chegada daquele ao engenho, fosse encontrado em situação de desgaste físico e vestido em trapos.

Durante o trabalho nas plantações de cana, portanto, brejeiros e retirantes se estranham. Os brejeiros, enfraquecidos pela fome, passavam o dia à espera do toque que sinalizada o fim do serviço: “Essa resignada submissão às necessidades de cada dia não era para ganhar a vida: era, apenas, para não perdê-la.” (ALMEIDA, 1981, p. 15) Enquanto isso, Valentim se mostrava incansável ainda que enfraquecido pela seca: “Jamais um galão de potro xucro ou um pau atravessado na caatinga o derrubara da roladeira; entretanto, um empuxão da seca dera-lhe esse baque no eito.” (*ibid*, p. 16).

Acostumado com o pastoreio, Valentim não se acostumara com o tipo de trabalho exigido dele no engenho, “Mas estava por tudo.” (*ibid*, p. 16). Pirunga, atento às dores do pai adotivo, ajudava-o, enquanto o brejeiro “estranhava a solidariedade sertaneja.” (*ibid*, p. 16). Percebendo as dificuldades que os retirantes tinham no novo tipo de trabalho, o povo do brejo enaltece as dificuldades de se trabalhar na região durante o inverno e como a frieira e as formigas castigam seus pés, “Valentim notou, então, que todos trabalhavam descalços. Já não tinham plantas de pés, porém, cascos endurecidos.” (*ibid*, p. 16). Os trabalhadores são desumanizados, seus pés já não são humanos, são cascos de cavalos, animais de trabalho puxado.

Em sua obra, *Releitura de A Bagaceira* (2010), Ângela Bezerra de Castro traz novas perspectivas ao estudo da obra de José Américo de Almeida. No capítulo 3, em que a autora desmistifica a opinião popular de que *A Bagaceira* é um romance da seca, ela afirma:

Em *A Bagaceira*, o brejo será o *oásis do deserto que não há*. O termo antitético para colocar em relevo as qualidades positivas de Valentim, Pirunga e Soledade, na mesma medida em que a persistência, a coragem, a honra, a altivez, a liberdade dos sertanejos colocam em destaque a miséria física e moral dos brejeiros. (p. 57)

As diferenças sociológicas e culturais, portanto, são um dos centros de conflito no romance. Como nos exemplos supracitados, mesmo que os retirantes trabalhem lado a lado com os brejeiros, seus valores, além da condição de “estrangeiros”, não permitem que se integrem àquela comunidade; e, mesmo que essas condições não existissem, o maior desejo de Valentim é voltar à sua terra, seu orgulho sertanejo parece se fortalecer em contraste aos brejeiros.

Essas diferenças culminam no destino de Valentim. Após descobrir as joias que Soledade escondia em seus pertences, Valentim exige saber de quem ela as recebeu. Soledade tenta enganar o pai e dizer que foi Pirunga, mas este não a ajuda a encobrir o segredo. Então Soledade diz que quem lhe deu as joias foi o feitor. No mesmo dia, passam alguns sertanejos pelo engenho, Valentim descobre através deles que sua fazenda está ‘verde’, que o açude está cheio, e decide planejar sua volta ao sertão. Nesse desprendimento com o engenho, acaba por matar o feitor. A população o persegue e o encurrala, todos armados com armas improvisadas enquanto Valentim ameaçava todos com uma arma de fogo nas mãos. Os brejeiros se mostram furiosos: “Havia da parte de todos o impulso de acometer, não pelo instinto de represália, mas pela malvadez com

que se compraziam, nos lances de reação conjunta, contra as vítimas de seus ódios vagos.” (ALMEIDA, 1981, p. 81). O homicídio não importava tanto quanto o assassino: afinal, a suspeita que carregavam por tanto tempo parecia finalmente justificada.

Pirunga chega para ajudar Valentim a enfrentar a multidão, este clamando ter direito de vingar sua honra – na intenção de proteger Soledade. Quando o senhor de engenho chega, Valentim pergunta se pode confiar nele. Dagoberto faz um gesto afirmativo com a cabeça:

E, a um gesto afirmativo, o assassino confiou-se da promessa, jogando a pistola entre os cabras. Estava afeito às cenas de impunidade, aos compromissos de escapula ou de homizio como pontos de honra. Entregando-se, não era a vida que ele preservava, senão a liberdade ou, a dizer melhor, a fuga para o sertão. Mas, apenas se viu inerme, foi subjugado por cem braços e inquerido (é o termo) com cordas de coroa.

— Sujigue o homem! Passe-lhe a embira! Isso! Acoche mais, de com força! — ordenou Dagoberto.” (ALMEIDA, 1981, p. 82)

Sua memória do sertão o trai. Valentim está no meio de uma sociedade que lhe é estranha, onde as culturas são diferentes e, por não entender como ela funciona, não pode confiar no senhor de engenho. Ao se entregar, entrega também a esperança de voltar para casa. Na prisão do retirante, os brejeiros reafirmam ser aquela a sua terra.

Enquanto em *A Bagaceira* a rixa entre migrantes e locais é contida até o ponto de prisão de Valentim, em *As Vinhas da Ira* o conflito é menos reservado. A maior diferença entre os dois romances é que, no romance norte-americano, os migrantes são parte fundamental do ciclo econômico: em época de colheita, sem a força de trabalho extra, grande parte das plantações seria perdida – enquanto no romance almeidiano, ainda que possam oferecer mão de obra barata, os retirantes são um problema qual muitos proprietários de terra preferem ignorar.

Após anos pesquisando as vidas dos trabalhadores migrantes na Califórnia, John Steinbeck publicou uma série de artigos acusando a exploração à qual essas famílias eram submetidas. De acordo com o escritor: “Os migrantes são necessários, e eles são odiados. Ao chegarem a um distrito, encontram a antipatia sempre distribuída pelo residente ao estrangeiro, o forasteiro.”⁸ (STEINBECK, 1988, n.p.). No romance de Steinbeck, quanto mais as personagens principais se aproximam da Califórnia, mais elas

⁸ “The migrants are needed, and they are hated. Arriving in a district they find the dislike always meted out by the resident to the foreigner, the outlander.” (T.L.)

percebem a hostilização dos locais. Em uma das paradas que os Joads fazem à beira da rodovia, eles encontram uma família fazendo o caminho contrário após alguns meses em solo californiano. Tom pergunta o motivo do retorno e o homem descreve como a terra é fértil, mas os donos das terras não trabalham nela – e para os fazendeiros que tiveram que fugir da seca que deixava o solo improdutivo, isso é um desperdício e uma afronta –, e como os locais têm medo da fome dos migrantes e, assim, os tratam com desprezo e ódio. Desse desconhecido, Tom descobre o significado de “Okie”: “Bom, ser chamado de Okie significava que você era de Oklahoma. Agora, significa que você é um filho da puta imundo. Okie significa que você é escória. Não significa nada em si, é o jeito que eles falam.”⁹ (STEINBECK, 2011, p. 241). Em *A Bagaceira*, ser chamado de “brejeiro” era, para os retirantes, pejorativo; assim ocorre em *As Vinhas da Ira* em que a identidade regionalista assume um outro significado: a do “forasteiro”, termo que, por sua vez, remete, para o povo local, a um ser parasitário.

A chegada da família na Califórnia é marcada pelas inspeções policiais. Em um dos pontos em que a família de Tom tem que parar para descansar, um guarda passa pelo pequeno aglomerado de barracas para inspecionar os viajantes, deixando claro que não deveriam estar ali. Ao chegar na barraca dos Joads, o policial encontra a matriarca da família juntamente com outras mulheres; ela questiona o motivo por terem que sair de lá e o policial reage com uma ameaça:

Ele afrouxou a arma no coldre. “Vá em frente”, disse a mãe. “Assustando mulheres. Ainda bem que os homens não estão aqui. Eles acabariam com você. Na minha terra, você cuidava do que você fala.” O homem deu dois passos para trás. “Bem, você não está na sua terra agora. Você está na Califórnia e nós não queremos vocês, malditos Okies, se estabelecendo aqui.”¹⁰ (*ibid*, p. 251)

O uso de uma figura autoritária para ameaçar e expulsar os migrantes é constante. E o que motiva o policial a tocar na arma? O questionamento de uma mulher de meia-idade é um gatilho, mas o que esse e outros policiais mostram no romance é o desprezo pelas famílias que chegam à sua terra buscando se estabelecer. Eles querem

⁹ “Well, Okie use’ ta mean you was from Oklahoma. Now it means you’re a dirty son-of-a-bitch. Okie means you’re scum. Don’t mean nothing itself, it’s the way they say it.” (T.L.)

¹⁰ “He loosened the gun in the holster. “Go ahead,” said Ma. “Scarier’ women. I’m thankful the men folks ain’t here. They’d tear ya to pieces. In my country you watch your tongue.” The man took two steps backward. “Well, you ain’t in your country now. You’re in California, an’ we don’t want you goddamn Okies settlin’ down.”” (T.L.)

proteger seu estado desses migrantes, baseando-se nos pré-conceitos popularmente espalhados em suas comunidades.

No romance, a chegada dos migrantes é descrita como motivo de medo, pois as famílias que fugiam da seca estavam desterradas e famintas:

No Oeste, houve pânico quando os migrantes se multiplicaram nas rodovias. [...] E os homens das cidades e do suave subúrbio se reuniram para se defender; e eles se asseguraram de que eram bons e os invasores maus, como um homem deve fazer antes de lutar.¹¹ (STEINBECK, 2011, p. 332)

A reação dos locais pode, portanto, ser lida como um processo de autodefesa: com a “invasão” das famílias do leste americano – estas em condição de desespero, procurando uma fonte de dinheiro para acabar com a fome – os proprietários de terra temem pelo seu direito de posse, enquanto os trabalhadores temem pelos salários que haviam conquistado. O migrante ameaça a estabilidade financeira e o estado pacífico das comunidades californianas. Os locais, portanto, em uma tentativa de se distanciar dos forasteiros, os estigmatizam e lhes impõe a severidade policial para subjugar-los.

Em outro momento do romance norte-americano, os Joads param em um posto de gasolina para abastecer e verificar se o carro está em ordem. Assim que a família segue viagem, os frentistas comentam a aparência desgastada dos viajantes; a conclusão de um deles é:

Bem, você e eu temos cabeça. Aqueles malditos Okies não têm noção e nem sentimento. Eles não são humanos. Um ser humano não viveria como eles. Um ser humano não suportaria estar tão sujo e miserável. Eles não são muito melhores que gorilas.¹² (*ibid*, p. 260)

A grande diferença no conflito entre migrantes e locais nos dois romances é que em *A Bagaceira* o forasteiro carrega a imagem do herói – honesto, corajoso e trabalhador – e o trabalhador local é sujo e miserável; em *As Vinhas da Ira* o migrante quem é animalizado, visto como obsceno, depravando a cultura local e consumindo o dinheiro público – por necessitarem supervisão policial e um aumento no investimento

¹¹ “In the West there was panic when the migrants multiplied on the highways. [...] And the men of the towns and of the soft suburban country gathered to defend themselves; and they reassured themselves that they were good and the invaders bad, as a man must do before he fights.” (T.L.)

¹² “Well, you and me got sense. Them goddamn Okies got no sense and no feeling. They ain’t human. A human being wouldn’t live like they do. A human being couldn’t stand it to be so dirty and miserable. They ain’t a hell of a lot better than gorillas.” (T.L.)

para educação nas comunidades (STEINBECK, 1988, n.p.). A antipatia pelos estrangeiros é menos velada no romance de Steinbeck. Mesmo os proprietários de terra, que necessitam da mão de obra dos *okies*, os tratam com desprezo e usam da força policial para imporem um pagamento abusivo a esses trabalhadores.

A guarda policial é a figura opressiva que atua nos pré-conceitos contra os migrantes. A justificativa para o uso da força bruta é que os que não se deixam subjugar pelas imposições dos empregadores são *reds* (*vermelhos*, em português), ou seja, rebeldes, associados ao comunismo, aos direitos trabalhistas e, portanto, ao direito à greve. Os Joads presenciam isso assim que chegam na Califórnia: um empregador chega a um dos acampamentos dos migrantes e chama os homens para trabalhar na colheita de frutas. Um deles, Floyd, que já estava lá a mais tempo e, portanto, tinha mais experiência na negociação de pagamentos, pede que seja feito um contrato da quantia a ser paga e da quantidade de homens que trabalharão na colheita – evitando, assim, a redução excessiva do salário em decorrência na alta oferta de mão de obra. O empregador, então, chama um policial que o acompanhava: “Ele está falando como um vermelho, causando problemas.”¹³ Depois volta a falar com os outros habitantes do acampamento: “Vocês não deveriam escutar esses malditos vermelhos. Encrenqueiros— eles vão metê-los em problemas.”¹⁴ (STEINBECK, 2011, p. 310). Os migrantes ajudam Floyd a escapar de ser pego pelo policial enquanto o empregador segue para outro acampamento. Em *As Vinhas da Ira*, a união entre os migrantes é necessária para sua sobrevivência, seja pela solidariedade em compartilhar comida, colchões ou outros utensílios, seja para reforçar os movimentos grevistas. No romance almeidiano, Pirunga e seu pai adotivo se unem contra os brejeiros, mas não conseguem impedir o desfecho trágico de Valentim.

Como resultado da opressão sofrida, os migrantes se rebelam, a greve sendo a maior ferramenta que eles têm contra a opressão dos empregadores. Os grevistas, no entanto, são qualificados e tratados como comunistas e criminosos. Casy, o amigo de Tom que partira de Oklahoma em companhia dos Joads, é morto por guardas que procuravam os líderes da greve; assim inicia a decadência de Tom que, cego pela fúria, mata o assassino de Casy. O desenraizamento corrompeu toda a família de Tom,

¹³ “He’s talkin’ red, agitating trouble.” (T.L.)

¹⁴ “You fellas don’t want ta listen to these goddamn reds. Troublemakers—they’ll get you in trouble.” (T.L.)

separando-os, humilhando-os. Vivendo na miséria, eles veem a terra, rica e fértil, produzindo uma fartura de frutas e verduras; mas tal é o excesso que parte da safra apodrece. As vinheiras podres são fonte e emblema da raiva dos trabalhadores, tornam-se uma imagem central que dá nome ao romance: “[...] e nos olhos dos homens famintos há uma ira crescente. Na alma do povo, as vinhas da ira expandiam e cresciam pesadamente, pesadamente amadurecendo para a colheita.”¹⁵ (STEINBECK, 2011, 412). Os migrantes, explorados até o ponto da miséria, acabam se tornando o povo enfurecido e desesperado que de fato podem ameaçar as autoridades da Califórnia.

Tom, portanto, é levado por um momento de fúria, causado pela morte injusta de Casy. O conflito entre migrantes e locais culmina no assassinato de um policial por um migrante. Em *A Bagaceira*, Valentim também comete um homicídio, então motivado pelo sentimento de violação contra sua filha, Soledade. A diferença é que, enquanto Valentim é preso pelos brejeiros, Tom consegue fugir, mas deve viver em reclusão.

Considerações finais

A história da humanidade está interligada aos movimentos migratórios. Sejam elas ocasionadas por motivos econômicos, sociais, climáticos, ou de conflitos armados, as migrações movimentam povos, integrando-os e adaptando-os a novas condições habitacionais. Os conflitos entre o povo local e os migrantes pode ser inevitável, sendo as culturas normalmente discrepantes entre si – mesmo originárias da mesma nação –, e os interesses entre os dois grupos se sobrepondo.

A proposta do presente artigo foi analisar dois cânones da Literatura Americana a partir dos conflitos causados pela chegada de trabalhadores migrantes no brejo Nordeste, em *A Bagaceira*, e no estado da Califórnia, em *As Vinhas da Ira*. Pode-se verificar que o espaço é de grande importância para a construção das personagens em ambas as obras e que o processo de desenraizamento levou a conflitos de identidade e com o novo espaço habitado, principalmente pelo fato de que tal processo foi imposto pelas condições climáticas e econômicas, indo contra os desejos das personagens.

Tentou-se aproximar os enredos de forma a verificar as semelhanças e diferenças entre as obras. A migração em ambas as obras é inevitável, tendo motivos

¹⁵ “[...] and in the eyes of the hungry there is a growing wrath. In the souls of the people the grapes of wrath are filling and growing heavy, growing heavy for the vintage.” (T.L.)

climáticos e econômicos, levando ao desenraizamento das personagens cujos locais de destino lhes são hostis. Observou-se que os conflitos são causados, em grande parte, pelos pré-conceitos tanto de locais quanto de migrantes. Também foi possível avaliar que o desfecho desses conflitos, em ambas as obras, foi violento, levando as personagens principais a assassinar uma figura opressora.

Referências

ALMEIDA, José Américo de. **A Bagaceira**. 19. ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora, 1981.

BACHELARD, Gaston. **La poétique de l'espace**. Paris: Presse Universitaires de France, 1961.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 8. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASTRO, Ângela Bezerra de. **Releitura de A Bagaceira**: uma aprendizagem de desaprender. 2. ed. João Pessoa: Secretaria de Estado da Educação e Cultura/Conselho Estadual de Cultura/Gráfica JB, 2010

CASTRO, Josué de. **Geografia da fome**: o dilema brasileiro: pão ou aço. 10ª ed. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

SAID, Edward. **Reflexões sobre o exílio e outros ensaios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

STEINBECK, John. **The grapes of wrath**. Londres: Penguin Books, 2011.

STEINBECK, John. **The harvest gypsies**: On the Road to the Grapes of Wrath. Introduction by Charles Wollenberg. Berkeley, Califórnia: Heyday Books, 1988, n.p.

WEIL, Simone. **O enraizamento**. Tradução de Maria Leonor Loureiro. Bauru, SP: EDUSC, 2001.